

Rennó Assunção, Teodoro

Duas versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

Duas versões “opostas” sobre Helena em Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

Teodoro Rennó Assunção
Faculdade de Letras da UFMG

RESUMO: Este artigo pretende – a partir de atentas observações ou questões dos escoliastas (retomadas por alguns comentadores modernos) – questionar e repensar a aparente oposição entre a pretensa versão pró-aqueia de Helena (que recebeu bem um Odisseu espião disfarçado de mendigo) e a pretensa versão pró-troiana de Menelau (que, de dentro do cavalo de madeira, ouviu-a imitando as vozes das esposas dos Argivos) sobre o comportamento ambíguo de Helena em Troia, tais como expostas sucessivamente pelos dois cônjuges (já de retorno a Esparta) no canto IV da *Odisseia*.

PALAVRAS-CHAVE: Helena em Troia; Helena; Menelau; *Odisseia*.

ABSTRACT: The aim of this article is to question and try to rethink – according to some attentive remarks of the scholiasts (retaken by some modern commentators) – the apparent opposition between the so called pro-Achaean version of Helen (who received well, in Troy, an Odysseus-spy disguised as a beggar) and the so called pro-Trojan version of Menelaus (who, from inside the wooden horse, listened to her imitating the voices of the Argives' women) about the ambiguous behavior of Helen at Troy, as these two versions are exposed by wife and husband (already returned to Sparta) at book IV of the *Odyssey*.

KEY-WORDS: Helen at Troy; Helen; Menelaus; *Odyssey*

O objeto e a ideia interpretativa deste breve artigo vieram de um outro estudo meu sobre “Luto e banquete no canto IV da *Odisseia* (97-226)”¹, onde tentava indicar a tensão conjugal entre Helena e Menelau já sutilmente presente, no início do canto IV, na simples nomeação e genealogia de Megapentes (*Megapéntes*, literalmente “Grande-sofrimento”), filho de Menelau com uma escrava (pois Helena se tornara estéril), cujo casamento estava sendo festejado, provavelmente sem a presença de Helena (que estaria no quarto), no salão do palácio de seu pai em Esparta, quando Telêmaco e Pisístrato ali chegam, fazendo com que a festa de casamento (na sequência inteiramente esquecida)

¹ASSUNÇÃO. Luto e banquete no canto IV da *Odisseia* (97-226), p. 34-50.

Rennó Assunção, Teodoro

Dois versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

se desvie para um banquete de recepção de hóspedes, que, com Helena já presente, acaba ganhando um inadequado clima de luto com o choro primeiro de um hóspede (Telêmaco) e depois do outro (Pisístrato) e dos dois anfitriões (Menelau e Helena), quando da menção por Menelau de companheiros de armas mortos em Troia e especialmente do então desaparecido Odisseu, o que é motivo não só para uma surpreendente retomada ritual do banquete (por Menelau) desde o seu começo, mas também para que Helena misture no vinho deles uma “droga” (*phármakon*) que afasta a dor, o choro e o sentimento de luto, permitindo a ela e a Menelau (no momento pós-refeição propício às narrativas) contarem, sem mais choro dos ouvintes, estórias sobre Odisseu e Helena em Troia.²

Esperava, agora, poder demonstrar mais atentamente – como evidência mais direta desta tensão conjugal – a resumida indicação que fizera de que a estória, contada por Menelau (depois da contada por Helena),

[...] da ação pró-troiana de Helena, então já mulher de Deífobo (seu segundo marido troiano), imitando as vozes das mulheres dos Aqueus em torno do cavalo de madeira para que eles se manifestassem e revelassem fatalmente a emboscada (sendo contidos apenas pelo perceptivo Odisseu, o único que a reconhece), desmente não só a posição pró-aquéia de Helena em sua própria estória sobre Odisseu [...], mas também o seu então pretense arrependimento.³

Mas a atenção mais detida no texto (e comentários) destas duas estórias opostas acabou revelando ser impossível uma certeza simples sobre sua oposição direta (o que me fez por aspas no adjetivo “opostas”), abrindo espaço – através de curiosas questões ou problemas interpretativos – para a possibilidade de ainda uma outra Helena em Troia, duplamente teatral e astuciosa, mas não necessariamente pró-troiana. Meu objetivo é o de apenas expor com algum cuidado estas questões ou problemas interpretativos sobre Helena nas duas estórias contadas (começando pela tradução delas) e o que daí pode resultar para a construção de sua imagem na *Odisseia*.

²Aduzia, também, na esteira do importante artigo “Telemachus in Sparta” de Robert Schmiel (SCHMIEL. *Transactions of the American Philological Association* 103, p. 463-472), a ainda mais sutil e discreta sugestão negativa, “saída da boca de Menelau (*Od. IV, 207-208*), que afirma a ‘fortuna’ (*ólbōn*) de Nestor, tecida por Zeus, no casamento e na procriação de filhos (*gaméonti te geinoménoi te*), os quais são sábios e excelentes na lança, o que (infere-se) não poderia ser dito dele mesmo, casado com uma ex-adúltera e pai de um filho com uma escrava.” (ASSUNÇÃO. Luto e banquete no canto IV da *Odisseia* (97-226), p. 35-56).

³ASSUNÇÃO. Luto e banquete no canto IV da *Odisseia* (97-226), p. 36.

Rennó Assunção, Teodoro

Duas versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

1- A estória de Helena em Troia segundo ela mesma (Od. IV, 235-264)⁴

“Atrida Menelau criado por Zeus e (vós aqui) os filhos de nobres varões: ora pra um, ora pra outro o deus Zeus dá tanto o bem quanto o mal, pois pode tudo; banquetear-vos agora, sentados no salão do palácio, e regozijai-vos com as estórias, pois contarei algo adequado. Eu não posso contar nem nomear todas as coisas que foram as provas de Odisseu de-paciente-senso, mas como isto realizou e suportou o poderoso varão no território dos Troianos, onde sofrestes penas, Aqueus. A si mesmo com golpes desfigurantes tendo subjogado, e lançado farrapos vis sobre os ombros, parecido a um doméstico penetrou na cidade de-largas-ruas de varões inimigos; e, escondendo a si mesmo, fez-se parecido a um outro homem, a um mendigo, que como tal não havia nas naus dos Aqueus. A este semelhante, penetrou na cidade dos Troianos, e eles todos o ignoraram; mas eu, a única, o reconheci, a ele tal como estava, e o interrogava, mas ele com astúcia evitava (responder). Mas quando eu o banhei e o ungi com óleo de oliva, e o revesti com vestes, e jurei um poderoso juramento de não denunciar Odisseu entre os Troianos antes de ele chegar às rápidas naus e às barracas, então me contou em detalhe todo o plano dos Aqueus. E a muitos dos Troianos matando com o afiado bronze, chegou entre os Argivos, e levou muita informação; ali outras Troianas gemiam agudo, mas meu coração se alegrava, pois meu coração já se voltara pra retornar de novo pra casa, e me arrependia da perdição, que Afrodite me deu, quando me levou pra lá, longe da querida terra pátria, a mim que abandonei minha filha, meu leito e meu marido, a quem nada falta, nem em bom senso nem em aspecto.”

1.1 - Comentário sobre Helena (em Troia) segundo Helena

A versão de Helena desta missão de espionagem de Odisseu (na cidade de Troia), que antecederia o episódio do cavalo de madeira (e também o do roubo do Paládio), se integra – segundo deixam supor os resumos de Proclo dos poemas do Ciclo Épico Troiano na *Crestomatia* – no conjunto de episódios que antecede propriamente o *Saque de Troia* (poema atribuído a Arctino de Mileto) e que tem como título a *Pequena Ilíada* (atribuída a Lesques de Mitilene), ou seja, no presente caso, o seguinte episódio

⁴As traduções dos dois trechos (contíguos) da *Odisseia* citados aqui são de minha autoria e visam apenas a uma precisão semântica, sem nenhuma preocupação de encontrar em português um metro único básico como o hexâmetro datílico homérico, mas tentando sempre conservar a unidade do verso para facilitar a localização do seu conteúdo em grego. O texto grego adotado é o editado por Thomas W. Allen para a coleção de textos clássicos de Oxford (ALLEN (ed.). *Homeri Opera tomus III*), mas foi consultado também o texto grego estabelecido por Helmut van Thiel (VAN THIEL (ed.). *Homeri Odyssea*).

Rennó Assunção, Teodoro

Duas versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

resumido por Proclo: “Odisseu, desfigurando-se a si mesmo, adentra Troia como espião e, reconhecido por Helena, compõe (planeja) com ela a tomada da cidade, e então mata alguns troianos e chega de volta às naus.”⁵ Mesmo que tais episódios pudessem fazer parte de um repertório maior de estórias sobre a saga troiana circulando já na época da composição da *Odisseia* (e não a *Odisseia* tendo servido necessariamente de matriz – ou ponto de partida – a estas estórias que viriam completar as lacunas deixadas pela *Iliada* e a *Odisseia*), a versão de Helena na *Odisseia* traz elementos específicos que, por servirem tão bem a seus propósitos de desculpa e auto-justificação perante Menelau (e também perante Telêmaco e Pisístrato), poderiam ser pensados como invenções *ad hoc* inteiramente ajustáveis à personagem que as pronuncia (Helena) e aos seus auditores (Menelau, Telêmaco e Pisístrato) no contexto de uma Esparta pós-iliádica para onde voltaram, enfim, são e salvos, o seu rei e a mulher que ele fora buscar em Troia (e que era o móvel principal desta guerra).

Mas, antes de comentar os detalhes da forma que toma a estória deste episódio quando contada por Helena para este seu pequeno círculo de auditores no interior do poema, poderíamos lembrar que, em relação ao contexto maior do conjunto da estória da *Odisseia* (apreensível para um auditor ou leitor do poema), o fato de que nela Odisseu (“escondendo-se”, *katakrypton*) apareça disfarçado de “servidor doméstico” (*oikeús*) ou “mendigo” (*déktes*) – “tendo subjogado a si mesmo com golpes desfigurantes/ e lançado vis farrapos sobre os ombros” (*Od. IV, 244-245*) – prefigura o modo como Odisseu entrará no próprio palácio em Ítaca, dominado pelos pretendentes, transformado em mendigo por Atena (o que já fora notado por um escoliasta);⁶ assim como o banho dado por Helena (que, porém, já o havia reconhecido, mas o confirmaria de vez por este meio) em Odisseu – em uma cena que permite entre os dois uma conversação, a troca de informações e um acordo garantido por juramento – parece prenunciar a cena do banho dos pés de Odisseu-mendigo por Euricleia, cena em que

⁵ Tradução minha, modificando em alguns pontos a de Ícaro F. Gatti. O texto grego é o de Thomas W. Allen (ALLEN (ed.). *Homeri Opera tomus V*, p. 107). A tradução de Ícaro F. Gatti está em sua dissertação de Mestrado: GATTI. *A CRESTOMATIA DE PROCLO: Tradução integral, notas e estudo da composição do códice 239 da Bibliotheca de Fócio*, p. 128.

⁶ O escoliasta Q faz o seguinte comentário em torno do sintagma *speira kakà* (“vis farrapos”) do verso 245 do canto IV da *Odisseia*: “Por meio de muito desta ação o poeta (compositor) lembra que não somente convém para a poesia (composição) ele explicitar agora os eventos não dados na *Iliada*, mas também que ele deve organizá-los em vista da matança dos pretendentes, de modo que ele (*i. e.* Odisseu) não pareça não-crível (suspeito) aos pretendentes, com eles convivendo (disfarçado) em uma tal figura.” (DINDORF (ed.). *Scholia Graeca in Homeri Odyseam tomus I*, p. 197. Todas as traduções de escoliastas da *Odisseia* neste artigo são minhas).

Rennó Assunção, Teodoro

Duas versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

ocorre o reconhecimento pela cicatriz, mas que também permite que Odisseu se assegure de que Euricleia não irá revelá-lo e possa começar a vislumbrar um modo de ela participar da vingança contra os pretendentes e as servas infiéis (cf. *Od. XIX*, 361-505).⁷

Se passarmos, agora, aos auditores internos de Helena, o episódio parece visar primeiramente a Telêmaco, enquanto narrativa elogiosa de um dos muitos feitos heroicos (ou “provas”, *áethloi*) de Odisseu em Troia – ainda que nele a participação de Helena se destaque como sendo a única, entre os Troianos, a perceber seu disfarce –, mas também, em um segundo plano, a Menelau, já que nele Helena – em posição francamente pró-Aqueus – colabora com Odisseu, não o denunciando e permitindo que ele leve não só “muita informação” (*phrónin pollèn*) sobre os Troianos, mas também que mate “muitos dos Troianos (...) com o bronze afiado”, causando o choro agudo de outras Troianas e a alegria de Helena, que então já estaria pensando em retornar pra casa e teria se arrependido do abandono (*nosphissámene*) da filha, do leito conjugal e do marido (cf. *Od. IV*, 260-263). Assim, esta estória contada por Helena, como o seu final e o endereçamento primeiro a Menelau o revelam, implica o mal-estar de quem se reconhece – em conjunção com Afrodite que lhe dá a *áte* (“loucura desastrosa”) – como agente do abandono do lar e do marido (mal-estar já presente em sua anterior autodenominação crítica como “cara-de-cadela”, *kynôpis*, *Od. IV*, 145, enquanto causa da guerra de Troia) e parece querer, ao menos, atenuar sua responsabilidade por todos os sofrimentos causados aos Aqueus e especialmente a Menelau, com o exemplo de um episódio (já bem próximo do saque de Troia) em que ela, já arrependida, teria colaborado com os Aqueus.

No entanto, apesar desta primeira compreensão genérica da estória troiana contada por Helena segundo sua motivação enquanto narradora tanto para Telêmaco quanto para Menelau (assim como segundo a motivação mais abrangente do narrador da *Odisseia*, enquanto prenúncio ecoante de importantes eventos futuros no poema),

⁷ A primeira tentativa de uma interpretação de conjunto destas duas estórias sobre Odisseu e Helena em Troia (a de Helena e a de Menelau), segundo o modo como elas ecoam (ou anunciam) eventos futuros capitais da intriga maior da *Odisseia*, foi feita convincentemente por Oivind Andersen no artigo “Odysseus and The Wooden Horse” (ANDERSEN. *Symbolae Osloenses* 52, p. 5-18), mas se pensamos que é preciso também entender estas duas estórias segundo as motivações de Helena e Menelau um para com o outro (enquanto também ouvintes, além de Telêmaco, para quem as atuações elogiáveis de Odisseu se justificam com mais facilidade), então alguns elementos das duas estórias permanecem estranhos e difíceis de compreender.

Rennó Assunção, Teodoro

Dois versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

existem particularidades nesta narrativa que não se deixam compreender tão facilmente e que podem, por isso mesmo, delinear com mais precisão o quanto há de enigmático e ambíguo (ou mesmo inverossímil) nesta Helena de Helena. Primeiramente, pensando o conjunto, poderíamos nos perguntar por algo que uma narrativa comprimida (e que funciona como duplo exemplo) não descreve ou se preocupa em explicar: como a então presumível mulher de um príncipe troiano (neste momento, não mais Páris, mas Deífobo) poderia, sem causar estranhamento ou levantar suspeitas, interrogar, acolher e dar banho (supostamente em sua casa) em um “servidor doméstico” ou “mendigo” golpeado e vestido com farrapos?⁸ Ainda que o banho seja na *Odisseia* um elemento reconhecível na cena típica maior de recepção de um hóspede, como pensar – pelo estatuto social deste e pela situação de guerra – a possibilidade, para uma mulher nobre e certamente muito visada nesta cidade (já que é a causa da guerra), de acolher e dar pessoalmente banho (presumivelmente na casa de seu atual marido troiano) em um mendigo desconhecido (e foragido e estrangeiro)?⁹ Por outro lado, apesar de a ênfase da estória de Helena estar bem marcadamente em sua posição favorável aos Aqueus (e, portanto, de acolhimento de Odisseu como um espião e guerreiro do exército inimigo), o seu interesse por Odisseu disfarçado, que a leva a interrogá-lo, acolhê-lo e banhá-lo, podendo conversar então mais intimamente com ele, não poderia também, depois de seus dois amantes troianos, provocar algum ciúme retrospectivo em Menelau?

A questão seguinte diz respeito não exatamente ao risco do reconhecimento em uma cena (de nudez e contato corporal) como a do banho – uma vez que Helena já teria reconhecido Odisseu disfarçado de mendigo (desfigurado por golpes e trajando farrapos) – mas ao de desconstrução do próprio disfarce, pois tradicionalmente a cena de banho é composta por dois momentos: a lavagem e unção com óleo de oliva, que poderiam atenuar a desfiguração de Odisseu com golpes em si mesmo; e o revestimento com (presumivelmente) novas roupas, que certamente anulariam o efeito dos “farrapos vis” (*speîra kakà*), algo que um simples banho de pés, como o dado por Euricleia em Odisseu-mendigo, permitiria evitar. Ora, a descrição formular abreviada deste banho:

⁸ Stephanie West formula assim o problema: “Neste relato bem sumário não ficamos imediatamente chocados pela *implausibilidade de a mulher de um príncipe troiano dar banho em um escravo foragido e descuidado*.” (WEST. Books I-IV, p. 252, itálicos meus. Todas as traduções de autores em línguas estrangeiras modernas são minhas).

⁹ S. West nota: “Helena se apresenta para Telêmaco como a anfitriã de seu pai, *realizando* por amizade os *deveres de hospitalidade que ela deveria ter delegado a uma escrava* [...]” (WEST. Books I-IV, p. 252, itálicos meus).

Rennó Assunção, Teodoro

Duas versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

“Mas quando eu o banhei e o ungi com óleo de oliva, e o revesti com vestes (...)” (*Od. IV, 252-253*), que utiliza o termo genérico *heímata* (“vestes”) – do mesmo radical do aoristo *héssa* (“revesti”) – e não o especificamente negativo *speîra* (“farrapos”) usado antes, poderia levar antes a crer que Helena – segundo as convenções do banho homérico – teria transformado o corpo e a imagem de Odisseu (se “farrapos” e “vestes” não coincidem de todo semanticamente e o banho tem um efeito rejuvenescedor), criando então uma perigosa possibilidade de identificá-lo e uma algo inverossímil necessidade de, no seu retorno, ter de afrontar sozinho na cidade de Troia os muitos inimigos que se reuniriam, se ele fosse reconhecido.¹⁰ Mas também o modo como Helena, imediatamente após o banho, formula ao seu hóspede o juramento de “não denunciar (*anaphênai*) Odisseu entre os Troianos/ antes de ele chegar às naus rápidas e às barracas” (*Od. IV, 254-255*) – que pode ser tomado apenas como um modo de enunciar negativamente uma possibilidade extrema, e algo, portanto, a não ser interpretado literalmente¹¹ – poderia ser ouvido, mais literalmente, como a afirmação de um fato que virá a acontecer, o que nos levaria a supor não só um inútil agravamento da hostilidade dos Troianos por Odisseu, mas também a criação de uma situação incômoda (e dificilmente justificável) para a própria Helena entre os Troianos.¹²

Estes detalhes bizarros – que o mais das vezes podem passar despercebidos a um auditor/leitor pouco atento – já seriam suficientes para lançar sobre Helena alguma dúvida quanto à verossimilhança de sua estória ou quanto à sua pretensa posição de todo favorável a Odisseu e aos Aqueus, levando, por exemplo, Olson a caracterizar o comportamento de Helena para com Odisseu como “estranhamente confuso” (*oddly confused*).¹³ Mas um último micro-evento no conjunto desta cena poderia também levar a uma outra compreensão da participação de Helena – que se abriria para um outro tipo de dubiedade – no episódio do cavalo de madeira contado, na imediata sequência, por

¹⁰ Ver o comentário perspicaz de S. D. Olson: “Seus subseqüentes serviços para satisfazer as aparentes necessidades do ‘mendigo’ (4.252f) têm o efeito prático de destruir o disfarce que ele adotou com tanto cuidado e sofrimento (4.245, 247f.)” (OLSON. *The Stories of Helen and Menelaus (Odyssey 4.240-89) and the Return of Odysseus*, p. 389).

¹¹ Ver, por exemplo, a interpretação “sensata”, mas não a única e necessária, de S. West: “Daí obviamente não se segue que Helena revelou o que tinha acontecido para os Troianos, depois que Odisseu chegou ao acampamento grego; logo que ele estivesse fora de perigo, a informação a comprometeria.” (WEST. *Books I-IV*, p. 210).

¹² Ver ainda Olson: “Além disso, antes do que conservar a identidade do infiltrante para si mesma, ela tornou-a pública tão logo ele escapou (4.254f.)” (OLSON. *The Stories of Helen and Menelaus (Odyssey 4.240-89) and the Return of Odysseus*, p. 389).

¹³ OLSON. *The Stories of Helen and Menelaus (Odyssey 4.240-89) and the Return of Odysseus*, p. 389.

Rennó Assunção, Teodoro

Dois versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

Menelau. É o verso 256 que o descreve assim (como sucedendo imediatamente ao juramento dela para Odisseu, que passa então a ser o sujeito, na 3ª pessoa do singular, da ação verbal): “E então para mim ele contou detalhadamente (*katélexen*) todo o plano (*pánta nóon*) dos Aqueus.” Ora, para além da arriscada confiança de Odisseu nela que o conjunto da cena assim traduzida deixa entrever (por que, afinal, ele contaria deste modo a ela todo o plano dos Aqueus?), é o modo como entendemos aqui *nóos* – ou seja: mais precisamente como “plano”, a ideia de “intenção” estando subentendida, e não como “percepção (de uma situação)”¹⁴ ou “percepção cognitiva” – que pode nos levar a interpretá-lo e precisá-lo, como o fizeram Ameis-Hentze e S. West, como um “plano dos Aqueus” para a imediata sequência da guerra, contendo já o decisivo estratagema do cavalo de madeira.¹⁵

A contrapartida explicitada desta revelação de Odisseu seria a “muita informação” (*phrónin pollèn*) que (também por meio dela, pode-se supor) ele teria levado como um espólio de guerra (*katà égage*) para os Aqueus. Mas se o “plano dos Aqueus” e a “muita informação” sobre os Troianos não são explicitados nesta narrativa sintética, podemos imaginar que na conversa entre os dois teriam sido contados o estratagema do cavalo de Troia e as possibilidades de sua recepção pelos Troianos, e até mesmo que Helena tivesse, então, combinado de fingir (muito apropriadamente para uma mulher de um príncipe troiano) uma tentativa de revelação dos heróis aqueus escondidos no cavalo, sabendo que Odisseu, já informado do plano dela, os impediria de fazê-lo. É preciso, no entanto, ser mais cauteloso com esta última hipótese, pois quanto a ela poderia ser formulada – a partir de uma básica verossimilhança – a seguinte questão: por que Odisseu, já informado deste “plano” de Helena, não o teria contado antes a seus companheiros de armas que estão dentro do cavalo de madeira, evitando,

¹⁴ Para uma definição do sentido primeiro e básico de *nóos* em Homero como “percepção (de uma situação)” ou “percepção cognitiva” – mas não estritamente intelectual –, e uma tentativa de compreensão da relação deste sentido com o de “intenção” ou “plano”, ver o artigo fundamental de Kurt von Fritz “*Nóos and Noeîn in the Homeric Poems*” (VON FRITZ. *Classical Philology* 38, nº 3, p. 79-93).

¹⁵ Ameis-Hentze-Cauer: “256. *pánta nóon* o plano todo, com o cavalo de madeira (272).” (AMEIS; HENTZE; CAUER(eds.). *Homers Odyssee für den Schulgebrauch erklärt* – Erster Band – Erster Heft: Gesang I-VI, p. 113); S. West: “256. *nóon*: ‘plano, intenções’, incluindo o estratagema do cavalo de madeira, uma vez que está claro a partir da estória de Menelau que Helena compreendeu a função dele.” (WEST. *Books I-IV*, p. 210).

Rennó Assunção, Teodoro

Duas versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

assim, o *stress* da situação e o risco de uma autodenúncia que teria sido fatal para eles?¹⁶

Mas lembremos que, de algum modo, a versão resumida deste episódio da *Pequena Ilíada* por Proclo sugere um plano ou composição de Odisseu com ela (*synthítetai*) a respeito da tomada de Troia. E, ainda mais basicamente, que se ela quisesse de fato denunciá-los, ela poderia tê-lo feito de um modo muito mais simples e direto (por exemplo, contando a Deífobo, ou a algum grande chefe troiano, a armadilha do cavalo de madeira) e não dando aos Aqueus a chance de (pela astúcia e autodomínio) não caírem em seu fingimento.¹⁷

2 - A estória de Helena em Troia segundo Menelau(Od. IV, 266-289)

E, a esta respondendo, disse o louro Menelau:
“Sim, tudo isso, mulher, disseste como convém.
Já conheci a vontade e a mente de muitos
varões heróis, e percorri muitas terras;
mas jamais eu vi com os olhos algo tal
como era o caro coração de Odisseu de-paciente-senso.
Como também isto realizou e suportou o poderoso varão
no cavalo polido, onde estávamos todos os melhores
dos Argivos, levando matança e morte para os Troianos.
Chegaste tu, depois, ali; e deve ter te ordenado alguma
divindade, que aos Troianos queria conceder a glória.
E a ti, que ia, seguia Deífobo semelhante-a-um-deus.
E três vezes rodeaste a oca emboscada, apalpando-a,
e chamaste pelo nome os melhores dos Dânaos,
assemelhando a voz às (das) esposas de todos Argivos.
Então eu, o filho de Tideu e o brilhante Odisseu,
sentados no meio, ouvimos como gritaste.
Nós dois, ambos, desejávamos, lançando-nos,
ou sair, ou de dentro rapidamente responder;
mas a nós dois ansiosos Odisseu segurava e retinha.
Aí todos outros filhos dos Aqueus estavam em silêncio,
mas Anticlo era o único a querer te responder
com palavras; mas Odisseu segurava a boca com mãos
fortes sem relaxar, e salvou todos os Aqueus,
e o conteve até que te levou para longe Palas Atena.”

2.1 - Comentário sobre Helena (em Troia) segundo Menelau

¹⁶ “É possível que Ulisses não tenha informado seus companheiros deste pretendido acordo com Helena e não tenha prevenido assim o desejo deles de responder aos chamados dela?” (MANIET. *Pseudo-interpolations et scènes de ménage dans l’Odyssée*, p. 45).

¹⁷ Ver a questão levantada por M. Severyns e citada assim por Albert Maniet: “[...] se Helena tivesse tido intenções pérfidas, o que de mais fácil para ela do que revelar a Deífobo os segredos que Ulisses lhe tinha confiado, em vez de se expor a um castigo, merecido neste caso, vindo circular em torno do cavalo para desmascarar o truque dos Gregos.” (MANIET. *Pseudo-interpolations et scènes de ménage dans l’Odyssée*, p. 45).

Rennó Assunção, Teodoro

Duas versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

Comentadores como Robert Schmiel e Irene de Jong¹⁸ já observaram o modo como esta resposta de Menelau a Helena (a quem ele se dirige na segunda pessoa do singular, os outros dois auditores não sendo nomeados) apresenta uma estrutura semelhante (ou simétrica) – ainda que operando inversões internas – à da fala anterior de Helena. De um modo mais genérico, se na estória de Helena é ela quem descobre o disfarce visual de Odisseu (sendo mais esperta do que ele), na de Menelau é Odisseu quem descobre os disfarces sonoros de Helena (sendo mais esperto do que ela). Do ponto de vista de sua audiência no poema, esta fala (ou estória) de Menelau visa primeiramente, como a de Helena, a dar para Telêmaco um exemplo elogioso das façanhas astuciosas de seu pai na guerra de Troia. Mas, em um segundo e evidente plano, ela visa também a corrigir (ou questionar) a versão de Helena sobre sua participação em episódios da fase final desta guerra.

Por outro lado, para os auditores/leitores do poema, ela não só antecipa e complementa a estória do cavalo de madeira que será contada com mais detalhes por Demócoco a pedido de Odisseu (cf. *Od.* VIII, 500-520) e depois por Odisseu à *psykhé* de Aquiles (cf. *Od.* XI, 523-532), confirmando o papel decisivo nela desempenhado por Odisseu (o sempre lembrado protagonista da *Odisseia*), como também esclarecerá, por sua visível oposição à estória de Helena, a tensão entre os dois cônjuges – anunciada por detalhes da narrativa inicial sobre a festa de casamento de Megapentes (“Grande-sofrimento”), filho de Menelau com uma serva, dada a esterilidade de Helena, que, por sinal, parece não estar participando da festa –, que fornece sutilmente um exemplo de casamento problemático (ainda que não extremo, como o de Agamêmnon e Clitemnestra), que também servirá de contraste ao modelo positivo do de Odisseu com Penélope.

Antes, porém, de chegarmos aos detalhes bizarros desta estória que também colocam problemas interpretativos (e podem precisar melhor o que há de enigmático e surpreendente no comportamento de Helena), seria útil indicar os elementos básicos que configurariam uma então posição pró-Troianos de Helena. O primeiro elemento é a presença, omitida na estória contada por Helena, de seu segundo (após a morte do primeiro, Páris) marido troiano: Deífobo, tal como diz o verso 276: “E a ti, que ia, seguia Deífobo semelhante-a-um-deus.” A excisão deste verso, por Deífobo ser

¹⁸ SCHMIEL. Telemachus in Sparta, p. 467; DE JONG. *A Narratological Commentary on the Odyssey*, p. 101.

Rennó Assunção, Teodoro

Dois versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

personagem da *Pequena Ilíada* e do *Saque de Troia*, desconsidera o fato óbvio de que a *Odisseia* incorpora retrospectivamente vários episódios de poemas do Ciclo Épico Troiano. Esta presença, confirmada pela estória do cavalo de madeira contada por Demódoco (cf. *Od.* VIII, 517-520, onde é Odisseu e não Menelau quem teria matado Deífobo, mas sendo este troiano o alvo da vingança final), demonstraria o múltiplo desejo de adultério de Helena e desautorizaria o seu alegado arrependimento e vontade de retornar para casa e seu primeiro marido. Mas poderíamos nos perguntar a partir da situação de Penélope: não seria, também entre os Troianos, esperável que uma bela viúva se casasse novamente, não cabendo propriamente a uma mulher (sobretudo se estrangeira) a decisão sobre o casar-se de novo ou não? De qualquer modo, nem na versão de Menelau nem na de Demódoco há qualquer informação sobre uma ligação amorosa ou desejo sexual de Helena por Deífobo, ainda que não tenhamos tampouco a indicação – como na versão da *Eneida* de Virgílio (cf. canto VI, 511-529) – de que ela o tivesse enganado na última noite dos dois e maquinado com Menelau e Odisseu a invasão de sua casa e o seu assassinato.

O segundo e maior elemento pró-Troianos – para o qual o primeiro poderia ser uma condição de efetividade: a presença de um guerreiro troiano que, acompanhando Helena, testemunhasse as eventuais respostas dos Aqueus de dentro do cavalo de madeira – é a inspeção aparentemente minuciosa do cavalo de madeira por Helena (“E três vezes rodeaste a oca emboscada, apalpando-a”) e a sua imitação da voz das mulheres de todos (presumivelmente apenas “os melhores” que estavam dentro do cavalo) guerreiros argivos, chamando-os pelo nome (isto é: a cada um de uma vez), visando aparentemente a descobrir se havia algum dos “melhores dos Argivos” escondido dentro dele, e – no caso da imitação da voz da mulher de cada um destes “melhores” – quase conseguindo fazer um deles (Menelau, Diomedes ou Anticlo) responder e denunciar, assim, a presença deles dentro do cavalo, arruinando toda a armadilha e deixando os Argivos em uma situação muito vulnerável. Ora, já vimos como, na estória dela, Odisseu teria contado detalhadamente (*katélexen*) para ela “todo o plano” (*pánta nóon*) “dos Aqueus”, o que presumivelmente incluiria o estratagema do cavalo de madeira (mas não uma inverossímil combinação dela com Odisseu), e também como assim se justificaria mal o fato de ela não tê-lo denunciado diretamente, escolhendo uma maneira de jogo (ou teatro) que dava uma chance aos que estavam

Rennó Assunção, Teodoro

Dois versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

escondidos no cavalo – e, mais especificamente a Odisseu, que tinha estado com ela, de salvá-los todos, contendo-os em tempo hábil.

A questão interpretativa final, vinda dos escoliastas (B.H.M.Q.T.), sobre o modo preciso de operação da contra-armadilha da imitação das vozes das mulheres, poderia corroborar a suspeita já citada de um – perceptível apenas a Odisseu – fingimento em segundo grau de Helena (fingir que estava de fato inspecionando o cavalo de madeira e imitando as vozes das mulheres dos “melhores” que estavam dentro dele, para parecer querer denunciá-los, fazendo o papel de uma boa mulher troiana, mas sabendo que Odisseu os conteria) e trazer novamente alguma dúvida e perplexidade quanto ao seu comportamento.

Uma primeira questão parece atentar para a pouca verossimilhança de um bom conhecimento por parte de Helena de todas as mulheres dos “melhores” que estavam dentro do cavalo: “Pois de onde conhecia todas, para que também imitasse as vozes delas?”¹⁹ Ainda que o texto homérico sugira que ela pudesse ter chamado pelo nome, com a voz da mulher de cada um, todos os “melhores Argivos” (ou “Dânaos”) que estavam escondidos no cavalo de madeira, apenas três deles, além do próprio Menelau, são nomeados: o filho de Tideu (isto é: Diomedes), Odisseu e Anticlo. Este último guerreiro, que não resiste ao desejo de responder a Helena, quando todos os outros já estão contidos, e por isso tem sua boca tapada por Odisseu, não é mencionado na *Iliada* (nem em qualquer outra parte da *Odisseia*), o que teria levado Aristarco a atetizar os versos 285-289 (segundo os escoliastas H.Q.) e o escoliasta H. a lembrar que “estes cinco (versos) não eram trazidos por quase todos (os manuscritos)”, pois Anticlo era uma personagem (que só aparece nos poemas) do Ciclo Épico.²⁰ O certo é que, na esteira de Oivind Andersen (em “Odysseus and The Wooden Horse”), poderíamos não só aduzir a razão de que esta versão seria preferível a uma outra em que Odisseu precisasse exercer alguma força física sobre um herói aquecido mais conhecido, como também a de que esta cena prefiguraria a do banho dos pés em que Odisseu faz o mesmo com Euricleia para impedir a revelação da identidade dele (cf. *Od. XIX*, 479-

¹⁹ DINDORF (ed.). *Scholia Graeca in Homeri Odysseam tomus I*, p. 201.

²⁰ DINDORF (ed.). *Scholia Graeca in Homeri Odysseam tomus I*, p. 202. Stephanie West resume a informação contida nos escólios, com o cuidado de não desprezar o seu esforço interpretativo: “Esta passagem estava ausente em muitas edições antigas e foi atetizada por Aristarco; o único argumento antigo contra ela, que Anticlo não é mencionado na *Iliada*, mas provém do Ciclo Épico, é mais substancial do que parece à primeira vista, uma vez que ele é mencionado como se fosse uma figura familiar.” (WEST. Books I-IV, p. 212).

Rennó Assunção, Teodoro

Doas versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

481).²¹ E, como bem o notou Irene de Jong, o seu nome (literalmente “Anti-glória” em oposição à “Larga-glória” do nome “Euricleia”) significa que “se ele tivesse falado, os Gregos teriam sido detectados e a glória da vitória teria ido para os Troianos”.²² Mas poderíamos ainda pensar que, com a inclusão de Anticlo (um guerreiro menor ignorado pela *Iliada*) na estória contada por Menelau, o poeta estivesse também exemplificando a capacidade múltipla de Helena imitar eficazmente as vozes de diferentes mulheres, mesmo daquelas de guerreiros desconhecidos.

Mas é a segunda questão (após uma crítica direta) que pode abrir uma via interpretativa pouco usual: “E a imitação (*mimesis*) das vozes é completamente risível (*geloios*) e impossível (*adynatos*). Pois como acreditariam que suas mulheres estavam presentes junto deles? (*Pós d’anepisteuon hóti páreisin autôn hai gynaiķes?*)”²³ Ora, se Helena tivesse pensado como o escoliasta (ou seja e desdobrando: “como eles poderiam acreditar que de repente todas as suas mulheres, vindas de tão longe e por razões a princípio incompreensíveis, estariam dentro de Troia, chamando-os pelo nome em torno do cavalo de madeira?”), ela poderia, justamente por isso, estar dando apenas uma chance para que eles, com a única exceção de Menelau, logo reconhecessem o absurdo desta possibilidade, ou, ao menos, para que o mais inteligente deles (Odisseu) o reconhecesse logo e impedisse os eventuais tolos e precipitados de se denunciarem. Neste caso, poderíamos pensar que ela estaria concebendo de propósito uma armadilha fraca, para que esta fosse ineficaz, isto é: que ela estaria fingindo ter escolhido mal o recurso de fingir bem as vozes dos “melhores” que estavam no cavalo, sob o risco de ser percebida também por um Troiano.

No entanto, poderíamos também imaginar que Helena discordasse do escoliasta, caso em que seria preciso admitir que ela contaria, ao menos, com a capacidade de Odisseu para, percebendo bem o seu teatro, conter os que se lançassem a respondê-la.

²¹ “Anticlo não aparece em nenhum outro lugar em Homero, e ele não está entre os heróis no cavalo de Virgílio. (...) Como foi apontado, o poeta deve ter escolhido o nome Anticlo porque ele não poderia deixar Odisseu por as mãos em algum herói mais renomado. Mas por que, de todo modo, este incidente é introduzido? Penso que aqui de novo faríamos bem em pensar em Odisseu e Euricleia 19, 479 ff., onde Odisseu deve impedir que ela fale, por medo de ser prematuramente reconhecido.” (ANDERSEN. *Odysseus and The Wooden Horse*, p. 12).

²² “O motivo *‘todos os outros, mas X (sozinho)’ singulariza Anticlo, que de outro modo não é mencionado em Homero. Ele tem um nome falante (‘Anti-glória’. Se ele tivesse falado, os Gregos teriam sido detectados e mortos e a glória teria ido para os Troianos; cf. 275), o que pode também dirigir a atenção dos narratários para Euricleia (cf. 234-89n.); (...)” (DE JONG. *A Narratological Commentary on the Odyssey*, p. 103).

²³ DINDORF (ed.). *Scholia Graeca in Homeri Odysseam tomus I*, p. 201. Ver também os comentários de Stephanie West, após citá-los (Cf. WEST. *Books I-IV*, p. 211-212).

Rennó Assunção, Teodoro

Duas versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

Ou, mais simplesmente, que ela estaria – como em um jogo imprevisível – arriscando a descoberta da armadilha do cavalo e uma possível desgraça para “os melhores dos Argivos”, incluindo o seu marido Menelau. Afinal, talvez não fosse tão inverossímil que guerreiros há já mais de nove anos sem verem/ouvirem suas mulheres (e desejando, mais do que tudo, poder fazê-lo) se deixassem enganar, ao ouvi-las, por seu desejo intensificado e quisessem imediatamente vê-las. O sentimento de falta (e, daí, a possível alucinação) destes guerreiros há tanto tempo longe de casa é, de algum modo, descrito pela seguinte passagem de um discurso de Odisseu a Agamêmnon no canto II da *Iliada* (289-297, os itálicos são meus):²⁴

“Com efeito como crianças novas ou mulheres viúvas
eles gemem uns com os outros por voltar para casa.
Também é um esforço voltar desgostoso para casa.
Pois quem permanece um só mês longe de sua mulher
se impacienta na nau multi-bancos – esse a quem ventos
de inverno e um mar agitado impedem de ir;
mas para nós está já completando o nono ano
que aqui aguardamos: por isso não censuro os Aqueus
de se impacientarem junto às naus curvadas. [...]”

Seria preciso, de qualquer modo, considerar que – apesar de seu desejo de denunciar uma ação pró-Troianos de Helena e, assim, contradizer indiretamente a veracidade da versão dela sobre Odisseu e ela mesma em Troia – Menelau não estaria se dando conta de que, pela ação eficaz e oportuna de Odisseu (contendo os que queriam responder ao chamado das vozes fingidas de “suas mulheres”), o artifício de Helena tinha sido afinal ineficaz,²⁵ enquanto ela teria, deste modo, representado eficazmente para os Troianos o papel de uma mulher que, fiel a seu último marido troiano (Deífobo), tentou inutilmente descobrir se havia Argivos dentro do cavalo, confirmando assim negativamente a eficácia do disfarce dos Argivos e da armadilha do cavalo de

²⁴ A tradução desta passagem da *Iliada* (II, 289-297) também é minha e segue os mesmos princípios usados para as dos dois trechos da *Odisseia*; os itálicos são meus. O texto grego adotado é o editado por David Monro e Thomas W. Allen para a coleção de textos clássicos de Oxford (MONRO; ALLEN (eds.). *Homeri Opera tomus I*), mas foi consultado também o editado por Martin L. West para a nova edição da Teubner (WEST (ed.). *Homeri Ilias Vol. I*. Rhapsodias I-XII continens).

²⁵ Esta percepção foi formulada explícita e argutamente por Michèle Broze e Françoise Labrique em um artigo comparativo (com um episódio de Lucius transformado em asno no livro VI das *Metamorfoses* de Apuleio), cuja hermenêutica simbólica nos parece, porém, muito discutível: “No plano narrativo, Helena, chamando os guerreiros aqueus, que graças a Ulisses não respondem, não divulga o truque, mas persuade os desconfiados Troianos de que não se trata de um truque. [...] Menelau parece minar as palavras de sua esposa, supondo que sua intervenção deve salvar os Troianos. No entanto, a presença de Helena, em torno do cavalo, e a resistência de Ulisses, no interior do cavalo, permitem conjuntamente que o truque seja bem sucedido. No desenrolar dos fatos, Menelau não tem razão.” (BROZE; LABRIQUE. *Hélène, le cheval de boie et la peau d’âne*, p. 140).

Rennó Assunção, Teodoro

Dois versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

madeira,²⁶ ainda que com algum risco de revelação. E se, como é mais verossímil, Helena (provavelmente já sabendo do plano do cavalo oco de madeira cheio dos melhores Argivos) não antecipou o seu artifício para Odisseu, seria preciso pensar que houve de fato risco em sua ação, mas que ela – como o desfecho da estória de Menelau bem o indica – calculou bem a perspicácia de Odisseu em reconhecer a debilidade ou improbabilidade de seu fingimento, mesmo se muito bem representado, e, portanto, calculou bem também este fingimento inverossímil.

Se admitirmos esta última hipótese (engenhosamente construída por uma leitura mais atenta da segunda estória a partir da desconfiança ou suspeita dos escoliastas), será preciso dizer, então, que também a estória de Menelau sobre a ação de Helena em torno do cavalo de madeira confirmaria sutilmente o seu arrependimento (que para ela seria incômodo explicitar diante de hóspedes, abrindo uma discussão direta com Menelau), tal como já sugerido não só pela estória contada por ela sobre a espionagem de Odisseu em Troia, como também pelo conjunto da sua ação e de suas falas em Troia na *Iliada* (as falas para Príamo e os anciãos troianos em *Il. III*, 172-180 e 234-242; para Afrodite em *Il. III*, 399-412; para Páris em *Il. III*, 428-436; para Heitor e Páris em *Il. VI*, 344-358; e para o cadáver de Heitor em *Il. XXIV*, 762-775), deslocando, assim, a sua pretensa total ambiguidade (sugerida apenas por uma leitura superficial deste episódio contado por Menelau) e perfazendo um conjunto homérico uno e coerente de uma Helena já em Troia arrependida do abandono do primeiro marido.²⁷ Caberia, enfim, lembrar, com Margaret Craver (em “Dog-Helen and Homeric Insult”), que Helena – tanto na *Iliada* quanto na *Odisseia* – é a única personagem homérica que constantemente dirige a si

²⁶ A finalidade enfim negativa deste falso fingimento de Helena é apenas sugerida por duas questões de M. Broze e F. Labrique. A primeira: “[...] é certo que se Helena quisesse entregar os Gregos, bastaria traí-los. Mas para protegê-los, lhe bastaria não fazer nada?” E a segunda: “[...] por que, se Helena quer revelar os Gregos, ela considera que eles sairão se ela os chamar tomando a voz de suas esposas?” (BROZE; LABRIQUE. *Hélène, le cheval de bois et la peau d’âne*, p. 140 e p. 141-142).

²⁷ Ainda que ciente de que seria necessária uma discussão mais detalhada da ação e dos discursos de Helena na *Iliada*, quero indicar rapidamente aqui que, além dos discursos (que são também uma forma de ação), as ações de Helena como tecer uma tapeçaria com o tema da própria guerra combatida por ela (*Il. III*, 125-128), indicando sua preocupação com esta guerra; ou como (obedecendo a Íris, que lhe lança a saudade de Menelau) ir em busca de Príamo com lágrimas nos olhos (*Il. III*, 139-145); ou como, sob a ameaça de execração e morte por Afrodite, ir para a cama com Páris (*Il. III*, 447-448) não demonstram diretamente uma ambiguidade de Helena, mas deixam-se explicar por sua difícil situação em Troia, sobretudo se já arrependida, tal como ela mesma diversas vezes o afirma. Assim, portanto, como primeiro esboço de conjunto da Helena homérica, o artigo “Homer’s Helen” de F. J. Groten Jr. ainda mantém sua utilidade, com exceção precisamente do comentário sobre a estória do cavalo de madeira contada por Menelau, que, se for lida de outra maneira (como estou fazendo aqui), poderá restituir uma inteira unidade homérica à personagem de uma Helena arrependida (cf. GROTEN JR. *Homer’s Helen*, p. 35, nota 1).

Rennó Assunção, Teodoro

Dois versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

mesma um insulto, qual seja: o de “cadela” (*kynós*) ou “cara-de-cadela” (*kynôpis*), por seu vergonhoso abandono do lar que resulta na mortífera guerra de Troia, o que demonstraria antes a consciência aguda de sua responsabilidade (e sua amarga tristeza quanto a isso) do que um qualquer fingimento manipulativo, jamais indicado ou sugerido pelo narrador.²⁸

Enfim, um último comentário sobre a “arte” (ou artifício) de Helena nesta sua contra-armadilha (ou falsa contra-armadilha) para detectar (ou fingir detectar), por uma resposta (possível) a seu chamado, os “melhores dos Argivos” dentro do cavalo de madeira. O verso 279 diz o modo como ela chamava pelo nome (isto é: um a um) “os melhores”: “assemelhando a voz às (das) esposas de todos Argivos.” Os dicionaristas (Liddell-Scott-Jones, R. J. Cunliffe) e comentadores (W. Stanford, S. West) – apoiando-se, provavelmente, na voz ativa do participio feminino *iskousa* (“assemelhando”), que impediria tomar como mero acusativo de relação o objeto direto *phonén* (“a voz”) deste participio – foram unânimes em interpretar explicitando (com o acréscimo do substituto *alókhon phonaís*, “às vozes das esposas”, ou do elemento “vozes”) a expressão literal demasiado sintética “assemelhando a voz às esposas” (que seria uma “comparação resumida” ou *comparatio compendiaria*) como querendo dizer “assemelhando a voz às das esposas”.²⁹ No entanto, foi pouco observado que este participio *iskousa* (“assemelhando”) e seu objeto *phonén* (“a voz”) indicam uma habilidade que é a de produzir semelhança (ou simular) por meio da voz, ou seja: a arte da representação discursiva, que é também, em uma larga medida, a arte teatral grega.

É como se Helena, para operar com eficácia o seu truque (o que é comprovado pelas reações de Diomedes e Anticlo), fosse uma extremamente versátil imitadora de vozes de mulheres – cabendo aqui, enfim, uma outra pequena questão: com exceção de

²⁸ Ver CRAVER. Dog-Helen and Homeric Insult, p. 41-61. A percepção de conjunto da Helena homérica por M. Craver é antes positiva (se comparada à da Helena da tragédia), e mesmo sua constante auto-deprecação é vista afinal positivamente por M. Craver: “Isso não é dizer que a personagem de Helena na épica é necessariamente rebaixada por sua autocrítica. Paradoxalmente, ela é até mesmo enobrecida, pelo fato de que seu termo ‘cara-de-cadela’ marca uma rejeição de suas más ações passadas – exatamente como chamar a si mesmo de ‘sem-vergonha’ implica que alguém (agora) sente um adequado sentido de vergonha para com suas ações.” (CRAVER. Dog-Helen and Homeric Insult, p. 59).

²⁹ Liddell-Scott-Jones: “*iskō* (B) [...] in early Ep., *make like, phonèn iskous’alókhoin, she made her voice like (the voice of) their wives, Od.4.279 (...)*” (LIDDELL; SCOTT; JONES. *A Greek-English Lexicon*, p. 837). R. J. Cunliffe: “*iskō* [...] (1) To make like. With dat.: *pánton Argeíon phonèn iskous’alókhoin* (i.e. *alókhon phonaís*) Od. 4.279 (imitating their voices).” (CUNLIFFE. *A Lexicon of the Homeric Dialect*, p. 202). W. B. Stanford: “279. ‘Making your voice like the wives of all the Greeks.’ Note the ‘short cut comparison’ (*comparatio compendiaria*) for ‘like the voices of their wives’ (...).” (STANFORD. *Commentary*, p. 276). S. West: “*alókhoin*: i.e. *alókhon phonaís*, compendious comparison (...).” (WEST. *Books I-IV*, p. 212).

Rennó Assunção, Teodoro

Dois versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

si mesma ou “imitando bem a si mesma” para persuadir Menelau (e os outros “melhores” que a conheciam) de que ela é ela mesma? –, mesmo que o texto fosse muito curto (ou se reduzisse a um nome próprio), situando desta vez no domínio auditivo uma capacidade sua de imitação ou representação (*mimesis*, como diz o escoliasta aqui) de vozes – que na *Iliada* se dá antes na esfera visual do artesanato enquanto figuração, tecida por ela, das próprias disputas entre Troianos e Aqueus (“por causa dela mesma”, *hé then heíneka*) em uma grande e dupla tela (cf. *Iliada* III, 125-128) –³⁰, fazendo dela não só uma personagem com uma capacidade mimética como a de Odisseu (que deve representar bem o papel de mendigo em Ítaca), mas também uma espécie de duplo do próprio compositor da *Odisseia*, que deve saber com perícia assemelhar a sua voz e o seu discurso aos dos seus personagens representados (como aqui os de Helena e os de Menelau em Esparta, depois do retorno, contando estórias da guerra de Troia).

Seria útil aqui, especificando a capacidade mimética visual da Helena tecelã na *Iliada*, lembrar que, além de Andrômaca – que, quando da morte de Heitor, tecia uma grande e dupla tela, na qual bordava “flores variegadas” (*thróna poikila*, cf. *Il.* XXII, 440-441) –, Helena é a única das mulheres ou ninfas, que tradicionalmente tecem em Homero, a representar visualmente (por um bordado que desenha) um tema narrativo, que em seu caso coincide com a matéria da própria *Iliada*, ainda que não saibamos precisamente o quê e como (por meio de cenas, como na *ékphrasis* do escudo de Aquiles forjado por Hefesto? mas quais?), o que a aproxima de algum modo de Aquiles, que, quando da chegada dos embaixadores de Agamêmnon, cantava (ou representava oralmente por meio do discurso ritmado) “os altos feitos dos guerreiros” (*kléa andrôn*, *Il.* IX, 189), tema genérico que pode incluir também a guerra de Troia contada pela *Iliada*.

³⁰ Mesmo que contextualize com extremo cuidado esta cena do canto III da *Iliada* e aponte com sagacidade o quanto o próprio ato de Helena tecer esta tela, enquanto esposa de Páris em Troia, implique a continuidade destas disputas entre Troianos e Aqueus – assim como o modo indireto (jamais explicitado pelo narrador ou personagem) de conexão entre a tecelagem e a composição do canto em Homero – o artigo “La toile d’Hélène” de Philippe Rousseau (ROUSSEAU. *La toile d’Hélène*, p. 9-43) parece minimizar (indevidamente, a nosso ver) o caráter de representação visual do que é bordado (ou, literalmente, “polvilhado”) por Helena nesta tela, como se ela estivesse não representando, mas produzindo estas “muitas disputas entre Troianos e Aqueus”, o que – se, de algum modo, é verdadeiro para o conjunto da situação – não descreve bem o seu ato de bordar (ou desenhar) estas disputas, ou seja: o seu poder mimético gráfico. Para uma outra posição, que considera este caráter de representação visual da tessitura de Helena, mas insiste em uma inferioridade desta em relação à representação oral do aedo, ver o artigo “Helen’s Web Unraveled” de George A. Kennedy (KENNEDY. *Arethusa* 19, nº 1, p. 5-14).

Rennó Assunção, Teodoro

Duas versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

E se ampliarmos, enfim, a um domínio cognitivo maior esta “arte” das semelhanças exercida ativamente por Helena na imitação das vozes de várias mulheres, lembraremos que, do ponto de vista da decodificação (ou do receptor), – assim como no reconhecimento rápido de Telêmaco por suas semelhanças com o pai (cf. *Od.* IV, 141-144) – já no reconhecimento de Odisseu disfarçado de mendigo,³¹ ela exercera uma arte de percepção de semelhanças e diferenças que possibilitara a ela somente entre os Troianos a percepção de que este mendigo representado (ou fingido) era Odisseu, ou seja: de que, neste caso também, era tudo “teatro”.

Referências bibliográficas

[Textos antigos]

ALLEN, Thomas W. (ed.). *Homeri Opera tomus III*. Oxford: Oxford University Press, 1987, First edition: 1908.

ALLEN, Thomas W. (ed.). *Homeri Opera tomus V*. Oxford: Oxford University Press, 1986, First edition: 1912.

DINDORF, Wilhelm (ed.). *Scholia Graeca in Homeri Odysseam tomus I*. Oxonii: E Typographeo Academico, 1855.

MONRO, David; ALLEN, Thomas W. (eds.). *Homeri Opera tomus I*. Oxford: Oxford University Press, 1989, First edition: 1902.

VAN THIEL, Helmut (ed.). *Homeri Odyssea*. Hildesheim: Olms, 1991.

WEST, Martin L. (ed.). *Homeri Ilias Vol. 1*. Rhapsodias I-XII continens. Stuttgart und Leipzig: B. G. Teubner, 1998.

[Textos modernos]

AMEIS, K. F.; HENTZE, C., CAUER, P. (eds.). *Homers Odyssee für den Schulgebrauch erklärt – Erster Band - Erster Heft: Gesang I-VI*. Leipzig: B. G. Teubner, 1920, dreizehnte Auflage.

ANDERSEN, Oivind. Odysseus and The Wooden Horse. *Symbolae Osloenses*. Oslo, nº 52, p. 5-18, 1977.

³¹ Em consonância com esta rapidez no reconhecimento de Odisseu (disfarçado) em Troia e de Telêmaco em Esparta, Helena (se antecipando a Menelau) também é rápida na leitura ou interpretação premonitória do “prodígio” (*téras*) que se manifesta quando da partida de Telêmaco: uma águia que, segurando um ganso branco e domesticado no pátio, voa perto deles e depois vai para a direita, alegrando a todos os presentes (cf. *Od.* XV, 160-165), como comparável a Odisseu regressando para se vingar dos pretendentes em sua casa (cf. *Od.* XV, 172-178). Também a adivinhação se dá em Homero como uma leitura de sinais (tais como eventos prodigiosos ou sonhos), segundo comparações que estabelecem semelhanças, ou seja: ela opera, como nos reconhecimentos, a partir de um pensamento fundamentalmente analógico. Ver para a questão dos modos de pensamento (por analogia e polaridade) em Homero o capítulo II “Unity in Multiplicity: Homeric Modes of Thought” de *Archery at the Dark of the Moon* de Norman Austin (AUSTIN. Unity in Multiplicity: Homeric Modes of Thought, p. 81-129).

Rennó Assunção, Teodoro

Doas versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)

ASSUNÇÃO, Teodoro R. Luto e banquete no canto IV da *Odisseia* (97-226). *Letras Clássicas (USP)*. São Paulo, nº 14, p. 34-50, 2010.

AUSTIN, Norman. II - Unity in Multiplicity: Homeric Modes of Thought. In: *Archery at the Dark of the Moon*. Berkeley: University of California Press, 1975, p. 81-129.

BROZE, Michèle; LABRIQUE, Françoise. Hélène, le cheval de boie et la peau d'âne. In: BROZE, M.; COULOUBARITSIS, L. et alii (orgs.). *Le mythe d'Hélène*. Bruxelles: Éditions OUSIA, 2003, p. 133-187.

CUNLIFFE, R. J. *A Lexicon of the Homeric Dialect*. Norman: University of Oklahoma Press, 1988, Fifth edition.

CRAVER, Margaret. Dog-Helen and Homeric Insult. *Classical Antiquity*. Berkeley (California), v. 14, nº 1, p. 41-61, 1995.

DE JONG, Irene. *A Narratological Commentary on the Odyssey*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

GATTI, Ícaro F. *A CRESTOMATIA DE PROCLO: Tradução integral, notas e estudo da composição do códice 239 da Bibliotheca de Fócio*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP-FAFLCH-Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2012.

GROTEN JR., F. J. Homer's Helen. *Greece & Rome*. Cambridge, Second Series, v. 15, nº 1, p. 33-39, 1968.

KENNEDY, George A. Helen's Web Unraveled. *Arethusa*. Baltimore, v. 19, nº 1, p. 5-14, 1986.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H. S. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1977, Ninth edition.

MANIET, Albert. Pseudo-interpolations et scènes de ménage dans l'*Odyssée*. *L'Antiquité Classique*. Bruxelles, v. 16, fasc. 1, p. 37-46, 1947.

OLSON, S. Douglas. The Stories of Helen and Menelaus (*Odyssey* 4.240-89) and the Return of Odysseus. *American Journal of Philology*. Baltimore, v. 110, p. 387-394, 1989.

ROUSSEAU, Philippe. La toile d'Hélène. In: BROZE, M.; COULOUBARITSIS, L. et alii (orgs.). *Le mythe d'Hélène*. Bruxelles: Éditions OUSIA, 2003, p. 9-43.

SCHMIEL, Robert. Telemachus in Sparta. *Transactions of the American Philological Association*. Baltimore, v. 103, p. 463-472, 1972.

STANFORD, W. B. Commentary. In: *The Odyssey of Homer vol. I* (Books I-XII). London: Macmillan, 1987, First edition: 1947, p. 205-418.

VON FRITZ, Kurt. *Nóos* and *Noeîn* in the Homeric Poems. *Classical Philology*. Chicago, v. 38, nº 3, 1943, p. 79-93.

WEST, Stephanie. Books I-IV. In: HEUBECK, A.; WEST, S.; HAINSWORTH, J. B. *A Commentary of Homer's Odyssey vol. I* - Introduction and Books i-viii. Oxford: Oxford University Press, 1988, p. 49-245.

[Recebido em novembro de 2017; aceito em dezembro de 2017.]

Rennó Assunção, Teodoro

Duas versões "opostas" sobre Helena de Troia: a sua própria e a de Menelau (Od. IV, 235-289)